



1755 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

## INTERDISCIPLINARIDADE, INTERCULTURALIDADE E CONSTRUÇÕES INTERINSTITUCIONAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

Beatriz Osorio Stumpf - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O artigo apresenta reflexões sobre interdisciplinaridade, interculturalidade e interinstitucionalidade na formação continuada de professores indígenas, com base em atuação desenvolvida com etnias de recente contato do alto rio Negro. A experiência contou com a participação de um conjunto de instituições e professores de diferentes áreas de conhecimento, abrangendo indígenas e não indígenas, proporcionando elementos significativos para esse tipo de discussão. A análise do processo de construção e desenvolvimento das atividades revelou a importância de relações interculturais e interétnicas para a valorização cultural das etnias e para a instrumentalização para lidar com exigências da sociedade ocidental. A articulação entre diversas instituições e áreas de conhecimento mostrou contribuições relevantes para aspectos como uso de métodos diversos, conexão entre teoria e prática, elaboração de materiais didáticos como estratégia de ensino-aprendizagem, escrita bilíngue, integração com atividades artísticas e relação entre escola e demandas comunitárias, como a construção do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA). Um enfoque maior é direcionado para a relação entre educação e antropologia, mostrando sua complementaridade nesse tipo de atuação.

## INTERDISCIPLINARIDADE, INTERCULTURALIDADE E CONSTRUÇÕES INTERINSTITUCIONAIS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

### RESUMO

O artigo apresenta reflexões sobre interdisciplinaridade, interculturalidade e interinstitucionalidade na formação continuada de professores indígenas, com base em atuação desenvolvida com etnias indígenas de recente contato do alto rio Negro. A experiência contou com a participação de um conjunto de instituições e profissionais de diferentes áreas de conhecimento, abrangendo indígenas e não indígenas, proporcionando elementos significativos para esse tipo de discussão. A análise do processo de construção e de desenvolvimento das atividades revela a importância de reflexões interculturais e interétnicas para a valorização cultural das etnias e a instrumentalização para lidar com exigências da sociedade ocidental. A articulação entre diversas instituições e áreas de conhecimento mostra contribuições relevantes para aspectos como uso de métodos diversificados, conexão entre teoria e prática, elaboração de materiais didáticos como estratégia de ensino-aprendizagem, escrita bilíngue, integração com atividades artísticas e relação entre escola e demandas comunitárias, como a construção do Plano de Gestão Territorial e Ambiental - PGTA. Um enfoque maior é direcionado para a relação entre educação e antropologia, mostrando sua complementaridade para esse tipo de atuação.

### PALAVRAS CHAVE

Interdisciplinaridade; Interinstitucionalidade; Interculturalidade; Formação Continuada; Professores Indígenas.

### INTRODUÇÃO

O artigo oferece uma reflexão sobre interculturalidade, interdisciplinaridade e atuação interinstitucional na formação continuada de professores indígenas, a partir de processo formativo desenvolvido no alto rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira/AM, com etnias indígenas de recente contato<sup>[1]</sup>. A experiência contou com a participação de um conjunto de instituições e profissionais de diferentes áreas de conhecimento, abrangendo indígenas e não indígenas, proporcionando elementos significativos para esse tipo de discussão.

A atuação foi realizada através do projeto de extensão "Programa de Formação Continuada: Fortalecendo Escolas Indígenas Hupd'äh, Yuhupdêh e Dâw", do Instituto Federal do Amazonas – IFAM, Campus São Gabriel da Cachoeira / Núcleo Gestor de Estudos Linguísticos e Antropológicos (NUGLAN), em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Gabriel da Cachoeira (SEMEC), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)<sup>[2]</sup>.

O texto inicia com uma contextualização, de modo a caracterizar as especificidades da região, bem como das etnias envolvidas no trabalho, com sua situação atual de vida e de relação com a sociedade, e mais especificamente no que tange à educação escolar. Na medida em que esse quadro é apresentado, vai se delineando o problema de pesquisa, o qual se refere à situação de povos indígenas de recente contato que estão se aproximando de centros urbanos, atraídos por benefícios sociais e pela possibilidade de consumo de produtos industrializados. Sem preparação e orientação, vão sofrendo impactos das armadilhas da cidade, com graves consequências como doenças, erosão cultural, violência e exploração. A questão que emerge a partir desse conjunto de situações é de que modo a formação de professores indígenas pode se constituir para que possa lidar com essa problemática.

A partir desse panorama, são trazidas informações sobre a construção e o desenvolvimento do projeto de formação continuada que proporcionou a reflexão, concentrando no período de 2015 e 2016, no qual a atuação foi integrada a projeto de pesquisa, através do IFAM, Campus São Gabriel da Cachoeira. O contexto é também utilizado como base para a discussão subsequente, que versa sobre interinstitucionalidade, interculturalidade/interetnicidade, e interdisciplinaridade, tecendo reflexões a partir do destaque desses aspectos na elaboração e concretização da formação. Na interdisciplinaridade é destinado um olhar especial para a relação entre antropologia e educação, áreas que se evidenciaram como essenciais na trajetória investigada.

### CONTEXTUALIZAÇÃO

O cenário deste trabalho se refere ao município de São Gabriel da Cachoeira/AM, região do alto rio Negro, onde vivem vinte e três povos

indígenas, pertencentes a quatro famílias linguísticas: Tukano Oriental, Aruák, Yanomami e Maku. A unidade linguística "Maku"<sup>[3]</sup>, de acordo com Athias (2009), agrega basicamente seis povos: Nukak e Kakwa na Colômbia; e Hupd'äh, Yuhupideh, Dâw e Naböb no Brasil, sendo que as etnias Hupd'äh, Yuhupideh e Dâw habitam a região do alto rio Negro, constituindo o público do projeto que é base para essa reflexão.

Segundo Ramirez (2006), todos os grupos da região do rio Negro que fazem parte dessa família linguística vivem no interior da floresta, nos pequenos igarapés, diferente de outras etnias que povoam as margens de rios maiores. Os Hupd'äh habitam a região interfluvial do rio Tiquié e rio Papuri, afluentes da margem esquerda do rio Uaupés na região do alto rio Negro. Atualmente estão distribuídos em mais ou menos 35 comunidades, estimados em um total de 1.500 indivíduos. Cabalzar e Ricardo (1998) descrevem os Hupd'äh como o povo Nadahup com maior população, sendo Dâw o grupo atualmente menos numeroso, o qual habita o rio Negro nas proximidades da cidade de São Gabriel da Cachoeira, na sua margem oposta. E os Yuhupdeh vivem nos afluentes ao sul do rio Tiquié, no rio Apapóris e no seu afluente Traíra.

Conforme Athias (2009), as formas adaptativas dos grupos Nadahup contrapõem-se ao modelo de ocupação espacial dos Arawak e Tukano, os quais possuem orientação, ciclo de vida e desenvolvimento tecnológico direcionado para o rio. Os Nadahup, por habitarem preferencialmente os pequenos igarapés no interior da mata, apresentam um modo de vida orientado para a floresta e utilizam uma tecnologia adaptada aos recursos próprios deste ecossistema, tendo desenvolvido estratégias eficazes de sobrevivência e qualidade de vida, totalmente integradas a esse ambiente. Os Hupd'äh trazem conhecimentos ecológicos de grande importância, como saberes sobre o funcionamento da floresta, conhecimento dos frutos, peixes, insetos e outros tipos de carne sem sangue, indicadores climáticos, comportamento animal, diferentes espécies de abelhas e tipos de mel (SILVERWOOD-COPE, 1990 p. 28-57). Além disso, segundo informações de Monteiro (2011, p. 144), ainda mantém suas tradições e especificidades culturais, como rituais, benzimentos e saberes sobre plantas de poder. Marques (2009) observa que outras etnias buscam benzimentos dos Hupd'äh, trocando por objetos e alimentos.

No entanto, atualmente esses povos frequentam muito a sede do município, principalmente em busca de benefícios sociais, sem possuir ainda os conhecimentos necessários para circular no meio urbano, como o domínio da língua portuguesa e do modo de lidar com dinheiro, cartões bancários e documentos. Esta questão, aliada à falta de estrutura adequada para sua recepção e manutenção na cidade, tem ocasionado o envolvimento em uma série de problemas, como doenças, uso abusivo de álcool, endividamento, exploração por parte de comerciantes, acidentes e alto índice de suicídio. Silva (2017) descreve detalhadamente diversas situações problemáticas, com relação às dificuldades enfrentadas pelos Hupd'äh na cidade, caracterizando a burocracia e os modos de funcionamento das instituições responsáveis pela emissão de documentos e outras ações relacionadas com benefícios sociais.

### **Histórico e situação atual da educação escolar dessas etnias**

De acordo com Athias (2009), ainda é muito recente o contato dos Hupd'äh com a sociedade brasileira e mais especificamente com a instituição escolar, a qual foi introduzida na região do alto rio Negro pelos missionários católicos em 1916. Os Hupd'äh tiveram acesso à educação escolarizada somente em 1978, através de colégios em comunidades Tukano. As escolas em aldeias Hupd'äh iniciaram apenas a partir de 1996, em um processo semelhante ao dos Tukano, que tende a reproduzir o modelo missionário.

Silverwood-Cope (1990, p. 28) cita as etnias Nadahup como as que menos se adaptaram à escola imposta pelos Salesianos, descrevendo alguns relatos de situações de fuga. No entanto, atualmente estes povos tem buscado a educação escolar. Marques (2015, p. 78) destaca o desejo de representantes do povo Hupd'äh de que seus filhos estudem como um dos motivos para se fixarem em aglomerados maiores, cuja permanência tem sérias consequências em termos de escassez alimentar e conflitos sociais.

Sendo a escola um elemento que está sendo buscado, mesmo por etnias de recente contato, torna-se necessário um grande cuidado na sua implementação, de forma a evitar impactos negativos em termos de perda de saberes tradicionais e de modos de vida adaptados ao ambiente. Uma das importantes discussões e ações do movimento indígena regional, através da FOIRN tem sido no âmbito da educação escolar indígena, em um processo de construção de escolas indígenas diferenciadas, interculturais e bilíngues, específicas para cada etnia e de acordo com as características e interesses das comunidades. No entanto, as escolas dos povos Nadahup não estão acompanhando este processo, e ainda apresentam diversos problemas estruturais, falta de materiais, escassa formação específica e assessoria para a criação de Projeto Político Pedagógico.

Poucos esforços estão sendo realizados para a construção de uma escola adequada às características dessas etnias. O relato de um representante Hupd'äh, trazido por Monteiro (2010, p. 111), salienta que a ideia de uma educação específica para seu povo teve início através da assessoria da organização "Saúde sem Limites", com o projeto "Saúde e Educação entre os Hupd'äh". A autora declara que anteriormente os Hupd'äh nunca haviam sido consultados com relação à construção de uma escola de acordo com suas especificidades.

Destaca-se a relevância de processos específicos de formação de professores para as etnias Nadahup, que proporcionem espaços de escuta e mediação de processos de construção e consolidação de suas escolas. De acordo com Monteiro e Mcllum (2013), as estratégias dos Hupd'äh que os possibilitam viver bem em seu território aliam-se muito à sazonalidade, no que se refere a atividades como o trabalho na roça e as inserções ao interior da mata. É importante que esta organização espacial e temporal, além de outros aspectos culturais específicos, esteja presente no calendário próprio da escola destas etnias, bem como na sua organização curricular.

E conforme Marques (2009), existe uma inconstância dos povos Nadahup em suas relações com regras em geral, em contraposição à relativa coerência entre o discurso e a prática Tukano, o que implica em descrições dessas populações com características de fluidez e flexibilidade, em contraste a um "fundo de fixidez" estabelecido pelos demais povos da região. Uma educação escolar Nadahup precisa ser construída de forma adaptada a estas características, com flexibilidade, respeitando suas relações sociais e modos de se relacionar com a natureza.

### **O processo formativo: construção e desenvolvimento**

A iniciativa do Programa de Formação Continuada "Fortalecendo Escolas Indígenas Hupd'äh, Yuhupdêh e Dâw" emergiu da convivência, diálogo e ações conjuntas entre profissionais de diferentes áreas de conhecimento que trabalham com esses povos, como antropologia, pedagogia, psicologia e assistência social<sup>[4]</sup>. Esse convívio emergiu da moradia temporária conjunta em uma residência, a qual também consistia em ponto de apoio para essas etnias quando vinham para a cidade, onde obtinham orientação e acompanhamento do grupo para resolver questões relacionadas com documentação e benefícios sociais. Esse coletivo de profissionais realiza ações no "beiradão"<sup>[5]</sup>, com apoio aos indígenas que ficam acampados para resolver seus problemas, muitas vezes sem recursos para retornar a suas comunidades. Através da convivência foi possível discutir sobre suas demandas, anseios, dificuldades e potencialidades, constituindo a base para a construção do projeto, o qual foi apresentado ao IFAM, através do Núcleo Gestor de Estudos Linguísticos e Antropológicos (NUGLAN), na forma de projeto de extensão, integrado a uma proposta de pesquisa. A investigação teve com base metodológica a pesquisa-ação, cujas vantagens para área da educação são abordadas por Engel (2000, p. 183), por ser uma pesquisa engajada, que integra teoria e prática, e busca alcançar um resultado funcional relevante para cada situação.

Foram construídas parcerias com SEMEC, FUNAI e FOIRN, por meio de reuniões que acompanharam todo o processo. A partir dos diálogos com a Secretaria de Educação foi verificada a sua dificuldade em realizar o acompanhamento de todas as escolas das comunidades da

região, devido às enormes distâncias, grande número de escolas e poucos profissionais e recursos. Essa instituição proporcionou materiais e profissionais para participação na formação, com escuta das demandas, explicações e informações. A FUNAI disponibilizou recursos para alimentação e combustível para o deslocamento dos professores. A FOIRN forneceu o local para o curso e cozinha para preparo das refeições. O IFAM propiciou professores de diversas áreas de conhecimento e uma parte do material.

O projeto tem como objetivo contribuir para o fortalecimento da Educação Escolar Indígena Diferenciada das etnias Nadahup da região do alto rio Negro, através de formação continuada de professores. A estratégia da formação se fundamenta em um processo de diálogo e construção intercultural, na forma de espaços de reflexão, construção e mediação para o fortalecimento de escolas indígenas diferenciadas, de acordo com as especificidades dessas etnias, conforme seus interesses, necessidades e estágios de desenvolvimento das escolas. As atividades são conduzidas de forma a possibilitar a expressão das demandas existentes, a partir das quais é continuamente construído e implementado o processo de formação, abrangendo assessoria pedagógica, subsídios e elementos de apoio. A abordagem envolve um conjunto diversificado de métodos, incluindo técnicas participativas, dinâmicas de grupo, atividades artísticas e culturais, vivências, elaboração de mapas, construção de materiais didáticos e exposições dialogadas com apresentação de imagens e filmes.

Devido às grandes distâncias das comunidades Hupd'äh e Yuhupdeh, as ações são centralizadas no município de São Gabriel da Cachoeira, proporcionando a troca de ideias e experiências entre estes povos, mas também contemplando atividades de construção organizadas na forma de grupos de trabalho, específicos para cada etnia. As etapas da formação são realizadas nos períodos de férias escolares, aproveitando a época em que muitos professores se encontram no município para resolver suas questões de documentação e contratação, contribuindo para o apoio a esta estada na cidade, oferecendo local de estadia, alimentação, atividades e orientações.

Desse modo, a formação continuada ocorre em um formato de ciclos semestrais, envolvendo um circuito de reflexão, ação e avaliação. A partir de subsídios teóricos, ilustrativos e práticos, junto a atividades reflexivas e construtivas, é proporcionada uma base para a ação dos/as professores/as em suas comunidades. A cada seis meses são realizadas novas etapas de avaliação, formação e planejamento, em que os/as participantes apresentam seus resultados, dificuldades e avanços, possibilitando a troca de experiências, nas quais são sugeridos novos elementos para a ação docente.

Os programas são desenvolvidos com uma visão interdisciplinar e intercultural, reunindo teoria e prática, de forma conectada aos temas de interesse dos povos indígenas e das comunidades dessas etnias, principalmente no que se refere a território, ambiente, sustentabilidade, saúde, cultura e ética. Os assuntos estão organizados na forma de eixos temáticos conectados entre si. Esses eixos e seus respectivos conteúdos correspondem à integração entre as diversas áreas de conhecimento e temas transversais, conforme o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1988), documento elaborado com a participação de indígenas de diversas etnias brasileiras.

Durante as etapas de 2015 e 2016 foram trabalhados os seguintes eixos temáticos: "Pedagogia Intercultural"; "Alfabetização, Letramento e Literatura Multilíngue"; "Etnomatemática, Matemática e Numeramento"; "Pluralidade Cultural"; "Direitos, Lutas e Movimentos"; "Terra, Conservação da Biodiversidade e Auto-sustentação"; "Educação e Relação com Sociedade".

## **DISCUSSÃO**

### **Construção interinstitucional**

A complexidade da questão indígena exige uma maior integração e articulação entre diversas instituições e diferentes áreas de conhecimento, principalmente diante da criticidade do momento atual, de criminalização de movimentos sociais e acusações contra organizações não governamentais e universidades.

No entanto, as estruturas institucionais e pedagógicas são estabelecidas em padrões de divisão, classificação e hierarquização de saberes e funções. Os modelos institucionais são fundamentados no pensamento ocidental, com sistemas extremamente burocráticos, muito diferentes da lógica indígena e de suas demandas, e distantes de suas realidades, principalmente no que se refere a etnias de recente contato, dificultando as ações e podendo gerar apatia e sentimentos de impotência diante de situações de problemática extrema, como a desses indígenas.

A concretização de ações realmente direcionadas para a realidade de cada povo pode partir do interesse de indivíduos, de diferentes profissões e inserções em diversos órgãos, que se encontram sensibilizados por suas questões e se articulam na construção e concretização de ações em conjunto. A integração de vontades, potenciais, contatos, ideias e experiências, em um formato de rede ou coletivo de profissionais, torna possível esse tipo de ação e de luta pela efetivação de projetos, programas e políticas públicas. As iniciativas podem ser simples, com uma simplificação de processos, visando à concretização de ações transformadoras, de forma prática, mas também reflexiva, gerando construções coletivas de atuações de acordo com demandas, contemplando as negociações necessárias e proporcionando importantes aprendizagens mútuas.

Nesse sentido, Santos (2011, p. 56, 59) considera que a única forma efetiva de enfrentamento à globalização neoliberal se trata da confrontação com outro tipo de globalização, uma globalização alternativa, contra-hegemônica, a partir da articulação com forças sociais, indivíduos, coletivos organizados, organizações não governamentais, sindicatos e movimentos sociais, com um conjunto de iniciativas que aprofundem a responsabilidade social em direção ao conhecimento pluriversal. O autor destaca a importância de integrar abordagens de conhecimentos de diversos atores sociais, e fortalecer a interlocução entre Institutos de Ensino Superior e sociedade, de um modo direcionado para a resolução de problemas locais e a formação de redes maiores de colaboração e construção de conhecimento.

### **Interculturalidade e Interetnicidade**

A interculturalidade é um aspecto de grande importância para a escola indígena diferenciada, na forma de um diálogo de saberes, com base na valorização simétrica e complementaridade entre conhecimentos, que contribua efetivamente para a aprendizagem de elementos de diferentes culturas, tendo em vista o alcance do duplo objetivo dessa instituição, de valorização da identidade indígena e qualificação para a relação com a sociedade ocidental. No entanto, essa questão ainda constitui um desafio. Weigel (2000, p. 34) utiliza a metáfora escola/maloka para abordar a situação de contraste estabelecida na instituição escolar dos povos Baniwa do alto rio Negro, um espaço de negociações entre forças sociais e culturas em condições assimétricas.

A formação de professores indígenas representa relevante papel na contribuição para enfrentar esse desafio, pois constitui uma base de preparo desses professores, com oportunidades de reflexão, trocas de experiências e produção de materiais. Mas assim como a escola indígena diferenciada, a formação também é um campo em construção no qual a interculturalidade enfrenta dificuldades.

O exemplo da formação continuada, a qual é base para esta discussão, apresenta um enfoque de valorização cultural e étnica, ao mesmo tempo em que oferece instrumentalização para facilitar o acesso à sociedade ocidental. Constitui um processo que coloca em evidência saberes, experiências, línguas, mitos, territórios, memórias e histórico desses povos, de modo integrado com conhecimentos ocidentais.

Portanto interculturalidade e interetnicidade representaram grande importância para o desenvolvimento do trabalho. Profissionais indígenas e não indígenas participaram da construção e desenvolvimento do curso, de diferentes formas. Além da atuação como integrantes das instituições parceiras, representantes indígenas de diferentes etnias foram convidados na condição de formadores. Esse envolvimento foi muito relevante, pois proporcionou trocas de saberes e experiências entre etnias e melhor compreensão dos temas abordados, devido à maior facilidade de acesso aos participantes em termos de afinidade. Além disso, a complementaridade dos conhecimentos entre diferentes culturas foi muito útil para o desenvolvimento de um curso adequado às suas reais necessidades.

No eixo temático “Pedagogia Intercultural”, no tópico “Elementos para uma Educação Escolar Diferenciada”, foram apresentados exemplos de escolas indígenas diferenciadas de outras etnias brasileiras, através de filmes e imagens. Também houve a participação do professor indígena André Baniwa, com apresentação do histórico do processo de construção da Escola Indígena *Baniwa Coripaco Pamaáli*, reconhecida como instituição de referência para inovação e criatividade na Educação Básica, pelo Ministério da Educação.

Outra participação importante foi de lideranças indígenas, em relação ao tema “Direitos, Lutas e Movimentos”, onde além de apresentações de filmes e discussões, houve a fala de líderes das etnias Nadahup (femininas e masculinas), contando sobre sua atuação no movimento indígena. Também participaram representações de outras etnias, narrando sobre o movimento indígena e suas trajetórias como lideranças.

Esse aspecto tende a contribuir para o fortalecimento do potencial das escolas para a formação de lideranças, incentivando a representação nos processos organizativos indígenas e a articulação com representantes das outras etnias. Segundo Luciano (2013), um dos motivos da busca pela formação escolar no alto rio Negro está relacionado com a demanda por um maior empoderamento sociopolítico indígena. A escola é vista como oportunidade de construção da autonomia, e de fortalecimento e formação de novas lideranças. Mas para que isso ocorra são necessários processos formativos para professores indígenas que contribuam para a formação de lideranças e de multiplicadores. Para os povos de recente contato é importante criar uma cultura de representação, de modo a contribuir para o empoderamento e fortalecimento de lideranças, estimulando reuniões, divisão de tarefas e organização, com formação continuada e assessoria antropológica e pedagógica, ajudando na mediação com instituições.

### **Interdisciplinaridade**

Interdisciplinaridade foi outro elemento muito importante nesse processo, se destacando a conjunção e integração entre diferentes áreas de conhecimento, como pedagogia, antropologia, linguística, matemática, assistência social, letras e economia.

Pode ser ressaltada, de modo mais específico, a relação entre antropologia e educação, pois o trabalho não poderia ter sido desenvolvido nesse formato sem o diálogo entre esses dois campos de conhecimento. O saber e o olhar dos antropólogos participantes foram fundamentais, pelos vínculos construídos com representantes dessas etnias, através da convivência de longos períodos nas comunidades, em diversos tipos de situações, gerando aprendizagens mútuas, aproximação e intimidade, incluindo fortes laços afetivos. Além disso, o conhecimento mais profundo e detalhado dos seus modos de vida, hábitos, mitos, visões de mundo, organização social e demandas.

A participação antropológica ocorreu desde a idealização do projeto, a construção das etapas, atividades, programação e estrutura. Essa contribuição trouxe algumas características importantes, como a perspectiva comunitária e intergeracional, com a presença das famílias dos/as professores/as, incluindo crianças e anciãos; o calendário direcionado para períodos em que necessitam de apoio na cidade; o local do curso na maloca da FOIRN, uma construção típica indígena, de modo que eles conseguiram se sentir mais à vontade; o empenho para a tradução nas diferentes línguas; e características da alimentação, incluindo o oferecimento de chibé[6] ao longo das atividades.

Além disso, precisa ser salientada a cooperação de antropólogos como formadores. No eixo temático “Pluralidade Cultural” houve a atuação do antropólogo Danilo Paiva (Universidade de São Paulo), com apresentação de imagens de caminhadas realizadas nas comunidades, expondo a importância da relação da escola com elementos culturais, como lugares sagrados, caminhos, histórias, plantas medicinais e elementos tradicionais. Nesse tema houve ainda a exibição de filme produzido pelo antropólogo por Renato Athias (Universidade Federal de Pernambuco), especialmente para o curso, com imagens Hupd’äh de 1978, mostrando a relevância da historicidade destas etnias e dos seus conhecimentos tradicionais. E no eixo temático “Terra, Conservação da Biodiversidade e Auto-sustentação” foi abordada a relação entre a escola e o Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), através o antropólogo Danilo Paiva, apresentando os princípios do PGTA, mostrando imagens de oficinas desenvolvidas com comunidades dessas etnias, com os resultados das decisões de cada comunidade, além da condução de dinâmica de grupo de construção de mapas das áreas.

Também deve ser destacada a essencialidade da fundamentação pedagógica, no que tange a aspectos como métodos de alfabetização, construção metodológica, elaboração de materiais, legislação da educação escolar indígena e mediação entre a construção de propostas de escolas indígenas diferenciadas e exigências dos órgãos governamentais. O eixo temático “Pedagogia Intercultural” apresentou uma série de elementos importantes nesse sentido, como levantamento das demandas das escolas dessas etnias, através da reflexão em grupos; apresentação das reivindicações à representante da Secretária da Educação (SEMEC), com discussão, perspectivas e encaminhamentos; exposição de aspectos da Legislação da Educação Escolar Indígena; realização de atividades de reflexão sobre a utilização de espaços, materiais e métodos pedagógicos diferenciados; e discussão sobre construção curricular, abordando a relação entre Áreas de Conhecimento e Temas Transversais propostos no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1988).

Desse modo, foi observada uma importante complementaridade entre os campos de conhecimento da educação e da antropologia. Esta visão de reciprocidade, em que ambas as áreas trazem contribuições mútuas, é apresentada por Rocha e Tosta (2009, p.17), autoras que destacam a importância da prática antropológica para um bom processo pedagógico. No entanto, existem problematizações sobre a relação entre estes saberes, como no caso de Valente (1996, p.54), que manifesta preocupação quanto à popularidade do uso de métodos de pesquisa antropológica em outras áreas de conhecimento, principalmente no campo educacional.

Através deste trabalho pode ser destacada a relevância da integração entre abordagens antropológicas e educacionais em projetos de formação de professores indígenas. Para a antropologia, o olhar e a prática educacional reforçam a visão da cultura como um processo contínuo de construção e transformação, que comporta desejos e potenciais de mudança, onde podem ser oferecidos contextos de alteração da situação atual, de acordo com as demandas apresentadas e com a devida consideração à vontade e ao ritmo das pessoas envolvidas, em um objetivo de melhoria da qualidade de vida nas suas diversas dimensões.

Em relação à educação, elementos antropológicos trazem a essencialidade de uma atitude pedagógica de abertura para o reconhecimento e compreensão de diferentes visões de mundo, proporcionando um conhecimento mais profundo das pessoas, a quebra de estereótipos e de visões cristalizadas, e uma verdadeira valorização de diferentes modos de ser, estar, pensar e agir. Para Dauster (2003, p.24), os contatos com referenciais antropológicos possibilitam ao educador a apreensão de outra linguagem, com um modo diverso de olhar, se posicionar e se relacionar, proporcionando o levantamento de diferentes questões e interpretações a cerca dos fenômenos educacionais. A autora se refere às distâncias existentes entre estas duas áreas de conhecimento, com relação a referenciais, métodos e objetivos; mas valoriza suas proximidades, apostando na construção de pontes como forma de enriquecimento de ambas as áreas.

Além da antropologia e da pedagogia, outro campo de grande relevância para o desenvolvimento dessa formação se refere à linguística. Athias (2010) relata que, no processo de avaliação da terceira etapa do Curso de Magistério específico dessas etnias, alguns indivíduos

Hupd'äh manifestaram a satisfação de poder escrever e ter livros escritos na sua própria língua. No entanto, também afirmaram a dificuldade de avançar mais pela falta de textos na língua e de práticas de leitura; e que o português não fornece elementos gramaticais suficientes para que o exercício de tradução aconteça com relação a determinados aspectos de sua cultura. Para contribuição nessas questões, houve a Participação da linguista Patience Apps, da Universidade do Texas, pesquisadora dessas etnias, com atividades para discussão sobre dificuldades e modos de escrever nas suas línguas.

A área da linguística também foi importante no Eixo Temático "Alfabetização, Letramento e Literatura Multilíngue", onde houve a reflexão sobre gêneros literários e narrativas mitológicas da região, com atividades de construção de materiais didáticos bilíngues ilustrados, como recursos de leitura e alfabetização. E a questão linguística esteve presente ainda no eixo temático "Etnomatemática, Matemática e Numeramento", onde ocorreu a apresentação de possibilidades de práticas escolares no ensino da matemática na língua materna, e atividades de grupo para a construção de materiais matemáticos bilíngues, de forma integrada a componentes culturais das respectivas etnias e elementos da natureza.

O eixo temático "Educação e relação com sociedade" teve a participação de profissionais da área da antropologia, assistência social e economia, além de representantes de instituições de São Gabriel da Cachoeira, com informações sobre o funcionamento de cada instituição e os procedimentos necessários para providenciar documentação e encaminhamento de benefícios sociais e aposentadorias. A atuação de um economista foi de grande importância, oferecendo esclarecimento de dúvidas sobre empréstimos, juros e limites do cartão bancário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de uma proposta de formação continuada de professores indígenas, em um formato interdisciplinar, intercultural e interinstitucional, mostra a importância desses aspectos para uma construção programática, metodológica e estrutural que realmente atenda às demandas de cada etnia e comunidade. A conjunção entre diferentes culturas, olhares, modos de atuar e papéis institucionais oferece elementos relevantes para a criação de abordagens teóricas e práticas no campo da formação de professores, principalmente no que se refere ao público indígena, devido a suas especificidades. As particularidades de etnias de recente contato, com a gravidade de uma situação de extrema dificuldade de relação com o meio urbano, sem preparação e orientação adequadas, exigem o empenho de um conjunto de instituições, áreas de conhecimento e profissionais indígenas e não indígenas.

Um dos grandes desafios desse tipo de atuação se refere a uma construção intercultural que contribua para a valorização e o fortalecimento dos saberes e tradições indígenas, ao mesmo tempo em que ofereça preparação adequada para lidar com as exigências impostas por nossa sociedade, como documentações, burocracias, instituições e sistema monetário. A questão envolve múltiplas dimensões que precisam ser trabalhadas, como política, economia, saúde, ambiente, cultura e educação. Torna-se necessária a construção de redes de apoio, envolvendo diversas instituições e um conjunto de conhecimentos tradicionais e técnico-científicos de diferentes áreas de conhecimento. A investigação revela um destaque para a relação entre antropologia e educação, cujo diálogo oferece contribuições importantes para a construção e o desenvolvimento desse tipo de curso.

Dentre as potencialidades encontradas nessa atuação coletiva, podem ser ressaltados ainda aspectos como uso de métodos diversificados, conexão entre teoria e prática, construção de materiais didáticos como estratégia de ensino aprendizagem, integração com atividades artísticas, uso de abordagens participativas e relação entre escola e demandas comunitárias, como a construção do PGTA.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHIAS, Renato. Territorialidade, fronteiras e relações interétnicas na bacia do rio Uaupés. In. MARTINS, Paulo Henrique; MEDEIROS, Rogério de Souza. (Orgs.). *América Latina e Brasil em Perspectiva*. Recife: Alas-UFPE Editora Universitária, 2009. P. 133-168.
- ATHIAS, Renato. *Oralidade e prática de ensino entre os professores Hupda da região do alto rio Negro XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)*. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais. Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Ensino Fundamental. *Referenciais Curriculares Nacionais para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SEF, 1988.
- CABALZAR, Aloísio; RICARDO, Carlos Alberto. *Mapa-Livro Povos indígenas do alto e médio rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira*. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro, 1998. 129 p.
- DAUSTER, Tania. *Um saber de fronteira: entre a Antropologia e a Educação* Trabalho apresentado na Mesa Redonda: As Ciências Sociais e a Pesquisa em Educação. 26º Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas, outubro, 2003.
- ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. *Educar*, Curitiba, n. 16, P. 181-191. 2000.
- EPPS, Patience. *A grammar of Hup*. Tese de doutorado. University of Virginia. 2005.
- LUCIANO, Gersem José dos Santos. *Educação para o manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no alto rio Negro* Rio de Janeiro: Contra Capa; Laced, 2013. 229 p.
- MONTEIRO, Lirian Ribeiro. Breve avaliação do processo de educação escolar Hupd'äh no âmbito do projeto Saúde e Educação entre os Hupd'äh. In: ATHIAS, Renato (Org.). *Ações indigenistas e experiências de intervenção entre os Hupd'äh do alto rio Negro* Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2010. P. 87-100.
- MONTEIRO, Lirian Ribeiro. *Territorialidade e mobilidade: estudo etnográfico de um grupo local Hupd'äh do médio Tiquié, Amazonas* Salvador, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal da Bahia, 2011. 166 f. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Bahia, 2011.
- MONTEIRO, Lirian Ribeiro; McLLUM, Cecília Anne. A noção de "bem viver" hupd'äh em seu território. *Mundo Amazônico*, v. 4, 2013. P.31-56.
- MARQUES, Bruno Ribeiro. *Figuras do movimento: os Hupd'ah na literatura etnológica do Alto Rio Negro* Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ, 2009. 192 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2009.
- MARQUES, Bruno Ribeiro. *Os Hupd'ah e seus mundos possíveis: transformação espaço-temporal do Alto Rio Negro* Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ, 2015. 265 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2015.

RAMIREZ, Henri. *A Língua dos Hupd'äh do alto Rio Negro: Dicionário e guia de conversação* São Paulo: Associação Saúde Sem Limites, 2006. 272p.

ROCHA, Gilmar & TOSTA, Sandra Pereira. *Antropologia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Rafael Moreira Serra da. *Signos de pobreza: uma etnografia dos Hupd'äh e dos benefícios sociais no alto rio Negro* PPGAS/UFSC, 2017. 254f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

SILVERWOOD-COPE, Peter. *Os Makú: povo caçador do noroeste da Amazônia* Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990. 205 p.

VALENTE, Ana Lúcia. Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional. *Pro-Posições*, Campinas, v. 7, n. 2, p 54-64, jul. 1996.

WEIGEL, Valéria Augusta de Medeiros. *Escolas de branco em maloka de índio*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000. 375p.

[1] A categoria "Etnias de recente contato", conforme Plano Plurianual da FUNAI (2012-2015), se refere aos grupos indígenas que, independente do tempo de contato, apresentam especificidades em sua relação com a sociedade nacional, formas de organização social consolidadas e alto grau de autonomia na relação com o Estado. [http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ouvidoria/pdf/ acesso-a-informacao/Plano\\_plurianual-PPA\\_2012-2015.pdf](http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ouvidoria/pdf/ acesso-a-informacao/Plano_plurianual-PPA_2012-2015.pdf). Acesso em: 22 dez. 2017.

[2] A FOIRN é uma organização que foi criada em 1987, como resultado do movimento pela demarcação de uma terra indígena contínua, e tem por objetivo a defesa dos direitos coletivos dos povos indígenas da região.

[3] Recentemente, algumas iniciativas têm se voltado para a mudança do nome da família linguística na busca de um substituto para o termo "Maku", considerando seu conteúdo pejorativo e o fato de não ter sua legitimidade reconhecida pelas próprias populações que são assim designadas. A palavra Maku significa "aquele que não tem língua" ou "aquele que não sabe nossa língua", sendo a denominação dada pelos Tukano para se referir a estes povos. Epps (2005) propõe o termo "Nadahup" para a família composta pelos Maku da área brasileira, o qual é utilizado neste artigo, apesar de ainda estar em discussão.

[4] Membros do Coletivo de apoio aos povos Yuhup'dêh e Hupd'äh (CAPYH). Trata-se de um grupo não institucionalizado que desenvolve ações de assessoria a esses povos em São Gabriel da Cachoeira, formado por pesquisadores/as dessas populações e profissionais de diferentes áreas que atuam ou atuaram diretamente com eles através da academia, órgãos públicos e organizações não governamentais.

[5] O "Beiradão" é o nome dado a uma área de São Gabriel da Cachoeira na margem do rio Negro, imediações do Porto Queiróz Galvão, onde esses indígenas ficam acampados, espaço com grande incidência de malária, sem infraestrutura sanitária adequada e acesso à água potável.

[6] Bebida produzida com mistura de farinha de mandioca e água, a qual faz parte do cotidiano indígena no alto rio Negro.